

A Educação das crianças na sociedade imagética

Bantu Mendonça Katchipwi Sayla

É Sacerdote incardinado na Diocese de Benguela –Angola, há 12 anos. Possui graduação em Filosofia e Teologia (1992 a 1995 e 1995 a 1999), pelo Seminário Maior do Bom Pastor em Benguela – Angola; graduação em RÁDIO e TV (2009) nas - Faculdades Integradas Teresa D'Avila e Especialização em Psicopedagogia e Psicomotricidade (2009) na Universidade Salesiana em Lorena São Paulo respectivamente; Mestrado em Ciências de Educação (2012) na UNISUL, Tubarão, Santa Catarina. Atualmente é doutorando em Psicologia, na Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales em Buenos Aires.

Resumo

A sociedade pós-moderna vibrou com desenvolvimento do cinema mudo, falado e posteriormente colorido. Agora, com a TV Digital atinge o auge da era imagética. Esta tem criado uma nova cultura e inaugurado um complexo modo de viver e de interagir com a cotidianidade das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Paralelamente a esta grande e valiosa conquista tecnológica digital está outro fato inegável. Em nossos dias a TV tem demonstrado também, o seu maior potencial de barbarizar e de reificador da violência através da sua violenta programação. Como consequência, ela premea-nos a fragmentação e fragilidade do tecido social criando o mundo do opressor e do oprimido na linguagem de Paulo Freire. A partir do dito de Freire podemos concluir que a opressão acontece quando se absorve o medo da liberdade, causada pela consciência opressora e que dá vez à violência. Mas como desfazer-se dela na sociedade da “Tela global” no dizer de Gilles Deleuze? Também pelo recurso à violência ou é possível vislumbrar-se alguma alternativa? Este artigo, a partir da fundamentação teórica e bibliográfica das obras de Adorno, Freire, Alba Rico, Turkle e Pascual pretende debruçar-se sobre estas perguntas e na medida do possível dar um contributo quanto ao assunto em questão. O presente artigo pretende reler a situação da sociedade atual e inserir a linguagem televisiva no fazer pedagógico. Propiciar à escola a valorização de seus saberes e promover uma gestão educacional participativa e democrática. Pretende conscientizar a sociedade através da pedagogia crítica para que se possa refletir sobre as crises sociais causadas pela TV e que geram a violência, criminalidade e pobreza. Parafraseando Paulo, o processo de ensino e aprendizagem sob o ponto de vista libertador entende a educação como o processo de conscientização e proposição de alternativas às práticas de exclusão social que é a causa da violência social. Ela é um ato de desbarbarização da sociedade, ato político. Concluindo, acreditamos ser possível a construção de um mundo mais humano e solidário. E para tanto, a formação de professores constitui os pilares de sustentação da utopia de que é possível a educação humanizada, humanizadora e libertadora das crianças na sociedade da tela global.

Palavras-chave

TV; Educação; Ato político.

Abstract

The post-modern society was thrilled with the development of silent film, spoken and subsequently colored. Now, with digital TV reaches heyday of imagery. This era has created a new culture, and inaugurated a complex way of living and interacting with the everydayness of children, adolescents and adults. Alongside this great and valuable digital technological achievement is another undeniable fact. In our day the TV has also demonstrated the greatest potential for reifying thrilled and violence through its violent programming. As a result, there is a fragmentation and fragility of the social fabric

by creating the world of the oppressor and the oppressed in the language of Paulo Freire. From Freire said we can conclude that oppression happens when one takes the fear of freedom, caused by the oppressive and consciousness which in turn gives rise to violence. But how to get rid of it in society's "Global Screen" in the words of Gilles Deleuze? Also the use of violence or is it possible to envisage any alternative? This article, from the theoretical literature and the works of Adorno, Freire, Alba Rico, and Pascual want Turkle looks at these questions and to the extent possible to make a contribution on the subject. This article seeks to re-read the situation in today's society and insert the language television in pedagogical practice. Provide the school valuing their knowledge and promote a participatory and democratic management of education. You want to make society aware through critical pedagogy so that we can reflect on the social crisis caused by the TV and that generate violence, crime and poverty. To paraphrase Paul, the process of teaching and learning from the point of view education as a liberating me ans the process of raising awareness and proposing alternatives to the practices of social exclusion that is the cause of social violence. It is an act of desbarbarização society, political act. In conclusion, we believe it is possible to build a more human and compassionate. And for both, the training of teachers is the pillars of that utopia is possible education humanized humanizing and liberating the children in the global society of the screen.

Keywords

TV, Education, Political Act.

1 – Releitura da violência na sociedade televisiva

A televisão, na sociedade pós-moderna, é a grande formadora de opinião inclusive da violência que tem sido a grande preocupação dos pais, educadores e pesquisadores. Pois, acreditamos que, muitos dos problemas vividos hoje são decorrentes de imagens violentas que crianças e adultos consomem da TV alojados nos nossos subconscientes. Uns acreditam que expor a criança à violência, como ocorre nos desenhos animados, em filmes e vídeo- games, pode influenciar o comportamento da criança, fazendo com que seja mais agressiva ou passe a encarar a violência como algo banal. Para outros, a mídia não é a responsável pelo aumento da violência entre crianças, mas sim pela violência praticada contra a infância, contra seus direitos. Bandura (1973) estudou os processos de retenção e atenção, incluindo as características do modelo e como a modelação pode ser mantida em períodos de tempo específicos. Uma interessante descrição desta teoria feita por Comstock e Lindsey enfatiza a importância dos estudos de Bandura na compreensão de como as pessoas aprendem através da televisão:

Uma das muitas hipóteses testadas derivadas desta teoria é a proposição de que as crianças aprendem ao observarem as imagens da televisão bem como observando as ações de pessoas na realidade. Sua teoria da aprendizagem social é reconhecida como uma das mais refinadas e bem testadas teorias no campo das ciências sociais, tornando-se numa das mais influentes fontes de pesquisa envolvendo televisão e agressividade. Bandura não se limita à questão da aquisição, mas avalia os atributos dos indivíduos, os estímulos observados e como o ambiente facilita ou inibe o desempenho de respostas adquiridas através de observação (COMSTOCK & LINDSEY, 1975).

A criança que fica vendo programas que mostram cadáveres, assaltos e outras formas de violência acaba perdendo a capacidade da perplexidade e o senso crítico. É preocupante saber que a Televisão nos vende progressivamente e que nela por ela a violência seja aceitável. Através da sua programação protética que a violência é trivial, lugar comum, de

todos os dias, mundana. Faz parte da vida, é normal. É parte da nossa cultura moderna. E também uma forma de diversão.

A programação violenta na TV acaba reduzindo a infância no mundo da violência e consequentemente do crime, drogas, prostituição, traição, aborto etc. O que vemos na TV brasileira não dista muito do que George Gerbner e a sua equipe da Annenberg School constatou durante 25 anos analisando o horário nobre e as manhãs de sábados da TV americana. Gerbner fez as contas e descobriu que:

A violência prevalece em oito de cada dez programas. Além do mais, uma média de cinco ou seis incidentes violentos ocorrem a cada hora. E nos desenhos, os preferidos das crianças? Estes contêm mais violência – pelo menos dezoito atos de agressão a cada hora. Segundo os parâmetros de pesquisa norte-americanos, um pré-adolescente com doze anos de idade já terá assistido na vida, em média, a pelo menos 100.000 atos agressivos na TV (Aronson, 1995).

Tannenbaum encabeça uma linha de pesquisa conhecida como hipótese da estimulação que destaca que a exposição à violência na TV aumenta a agressividade porque essa mesma violência aumenta a excitação, ou seja, estimula aos telespectadores (Tannenbaum & Zillman, 1975). A palavra-chave, aqui, é estimulação, que, tendo origens diversas, seria a causa básica do aumento da agressividade nas pessoas. George Comstock apresenta essa hipótese da seguinte maneira:

O aumento da agressão acontece quando esta se torna uma resposta apropriada, como pode ser percebido em quase todos experimentos realizados com televisão e agressão. As implicações se desdobram em três aspectos principais: (1) a violência na TV pode estimular outros tipos de comportamento além da agressão; (2) outras classes de conteúdos não-violentos estimulam, igualmente, a agressão; e (3) muitos efeitos demonstrados pelos experimentos de laboratório e na vida real apresentam diferentes resultados na ponta da curva que mostra o aumento da excitação quando uma seqüência de filmes editada é assistida por uma audiência (Comstock & Lindsey, 1975).

A violência na Televisão é memorável. Uma cena que, dura apenas alguns segundos, transmitida numa pequena parte de um programa – pode ser recordada, em longo prazo, mais do qualquer outra cena da história. A violência possui uma mensagem muito contagiosa e produz um efeito direto. As crianças imitam frequentemente as cenas violentas dos filmes. Elas imitam o que vêem. Elas transformam isso em jogos, magoando outras crianças. A violência na Televisão não é só agressão infantil física ou verbal. Ela representa e banaliza de forma direta daquilo que Adorno chama de barbáries.

Entendo por barbárie algo que muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir alíás, uma tendência imanente que a caracteriza (2005, p.155).

A relação entre a exposição à violência na televisão e o aumento das taxas de criminalidade é outra preocupação dos autores consultados. Estes estudos procuram relacionar a televisão e outros meios de comunicação a dados estatísticos sobre aumento ou diminuição da criminalidade, de suicídios, acidentes de trânsito e outras taxas. Dentre os diversos estudos publicados, destacamos o de Phillips e Hensley (1984. P. 10), onde concluíram que a relação entre a cobertura efetuada pela mídia e alguns tipos de mortes desencadeiam um forte

componente psicológico e social. Eles observaram que após uma luta de pesos pesados o número de homicídios aumentou, diminuindo após notícias de sentenças de condenações.

Stack (1989,) também segue a mesma linha de pensamento, o que pode ser constatado em seu levantamento do efeito da divulgação de assassinatos e suicídios pela mídia no período de 1968 a 1980. Sua conclusão é a de que a exibição deste tipo de notícia contribui para o crescimento da taxa de suicídios. Do mesmo modo, Centerwall (1989) afirma que a televisão é uma das causas da violência social. Ele apóia a teoria de uma relação causal entre a exposição de populações à TV e um maior crescimento nas taxas de violência criminal. Em torno de um aparelho hipnótico chamado TV famílias inteiras vêem o mundo passar diante dos seus olhos, acontecimentos, realidade encontra com a fantasia. Um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento revela, por exemplo, que as Novelas brasileiras têm impacto sobre os comportamentos sociais. Elas ajudaram a moldar as idéias das mulheres sobre o casamento e família.

Famosas há muito por mostrar praias maravilhosas, personagens carismáticos e representações realistas da vida e das aspirações da classe média, as novelas brasileiras ajudaram a moldar as idéias das mulheres sobre divórcio e filhos de maneira crítica, segundo dois estudos recentes do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID, 2008).

Um aparelho que tirou de muitos o diálogo entre sentimentos pessoais. Passamos de telespectadores para personagens da TV, onde vivemos sob o comando de textos e desejos dos outros! Vivemos a época do irracionalismo. Do desejo de ser mais um personagem da televisão e com isso deixamos de sermos nós mesmos. É o mundo que a TV ofereceu e todos têm a opção de saber diferenciar o fictício do real. A TV influencia porque a moda da televisão é vestida por quem queremos ser, eles falam como eu gostaria de falar, andam e fazem o que quero. As famílias perderam-se na desculpa “do jornal vai começar, na novela que não posso deixar de ver. O carinho, amor e o diálogo com os filhos são trocados pela TV que faz e cumpre todas as funções suprimindo a ausência do pai e da mãe que, sob pretensão de ocupação profissional estão fora de casa.

O psicólogo americano Leonard Eron, em 1960, entrevistou 835 crianças em Nova York e observou o papel da TV em sua existência. Ele viu que, quanto mais programas violentos assistiam, mais agressivos eram. Em 1971 e em 1980 ele entrevistou o grupo de novo e verificou que muitos daqueles que tinham sido consumidores vorazes de violência na TV tiveram comportamentos hostis na adolescência e como adultos. Quanto mais agressivos eram aos 8 anos, piores tendiam a ser aos 20 e aos 30, protagonizando um maior número de prisões e condenações. (Revista - Super interessante-Ago/99).

O Times Mirror Center for People and the Press, fez uma pesquisa com 1.516 espectadores de TV dos Estados Unidos e revelou que os jovens americanos são a favor da violência na TV, dos entrevistados, 74% dos espectadores abaixo de 30 anos assistem a programas violentos. A violência na TV tem exercido o seu fascínio sobre os jovens.

Outra pesquisa feita pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) realizada em 23 países sobre os efeitos da violência da mídia no comportamento infantil, apontou os personagens violentos como modelo das crianças, ou seja: as aclamadas “estrelas” de filmes de ação são considerados seus heróis. O professor e psicólogo Jo Groebel, da Universidade de Utrecht na Holanda, foi o responsável pela coordenação da pesquisa. Segundo ele, a despeito da cultura, religião ou acesso à tecnologia, 88% das crianças conhecem o exterminador do futuro - personagem do ator americano Arnold Schwarzenegger, o qual se transformou numa espécie de ícone global da violência. Groebel entrevistou 5 mil crianças na fase da pré-adolescência ao redor do mundo. Das cinco mil crianças de 12 anos, entrevistadas em 23 países, entre eles o Brasil, 26% apontaram como seu maior modelo de comportamento os heróis de filmes de ação. A porcentagem aumenta entre

os meninos: 30% têm tais personagens como modelo. O estudo mostra que 51% das crianças que vivem em áreas violentas gostariam de ser como Schwarzenegger na pele do exterminador. Os heróis de filmes de ação ficam bem à frente, na preferência, que pop stars e músicos (18,5%), líderes religiosos (8%) ou políticos (3%), entre outros, como revelam as estatísticas abaixo da porcentagem dos entrevistados: Heróis de filmes de ação - 26%; Pop stars e músicos - 18,5%; Líder religioso - 8%; Líder militar - 7%; Filósofo ou cientista - 6%; Jornalista - 5%; Político - 3% e os demais 26,5% apontaram pessoas de suas relações pessoais ou que desempenham outras funções na sociedade (UNESCO, 2009. p.26).

Groebel chegou à conclusão de que a TV domina a vida das crianças em todo o mundo. Ele afirma ainda que elas dedicam 50% a mais de seu tempo à TV do que a qualquer outra atividade. Segundo o psicólogo, o impacto é ainda maior se for levado em conta que a maioria das emissoras apresenta programas de “entretenimento”, e não educativos. “O estudo da Unesco não tem por objetivo responsabilizar a mídia pelo aumento da violência, que faz parte do sistema”, afirmou Groebel numa entrevista em O Estado de São Paulo. “Mas a mídia propaga a idéia de que a violência compensa”. Ele sugere, como solução, que as crianças tenham orientação para saber discernir melhor a ficção da realidade. É necessária a criação de um código de conduta. “Os pais têm papel fundamental no processo”, afirma o psicólogo (O Estado de S. Paulo, quinta feira, 28 de maio de 1988, pág. A-19).

O que realmente acontece quando a criança vê cenas de violência TV? Sobre o fato de a criança assistir cenas de violência e sexo na TV, não se chegou a um veredicto, revela o estudo. “O que se sabe é que a criança funciona como um computador cuja memória está vazia. Ela armazena todo tipo de informação que recebe, e ninguém quer que um menino de cinco anos tenha na memória cenas de violência” (Veja, Edição Especial. 13 de maio de 1998, p. 89). Além do mais, as evidências apontam na direção contrária, revelando que as crianças e adolescentes não só reterão tal conteúdo na memória como serão atingidos de maneira negativa por esse conteúdo. Na opinião do Jornalista Nilson Lage,

O que acontece é que num quadro como o atual, de globalização, as pessoas perdem as referências. O que era um herói? Era o sujeito que se sacrificava por uma causa comum. Isso deixou de existir, mas a necessidade de heróis continua. Então começaram a eleger heróis como Ayrton Senna, que na realidade é uma marca comercial, em torno da qual se agrupam enormes interesses econômicos. Assim se fabricam heróis. (Jornal A Notícia, Anexo – 28 de setembro de 1998, p. C-9)

2 - O papel da escola na educação da sociedade Imagética

Na Indústria Cultural cujos produtos são veiculados pela TV a educação não passa de mercadoria. Ela deixa de fazer parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar segundo os critérios do capital. Concomitantemente “a participação do Estado em políticas sociais passa a ser a fonte de todos os males da situação econômica e social, tais como a inflação, a corrupção, o desperdício, a ineficiência dos serviços, os privilégios dos funcionários” (SILVA, C. A. J.; BUENO, M. S.; GHIRALDELLI, Paulo J.; MARRACH, Sonia A. 1996, p. 44). Tudo é controlado em vista ao mercado e lucro porque “os neoliberais acreditam que assim as escolas passariam a competir no mercado, melhorando a qualidade do ensino” (Idem, p. 47). Ante esta situação a escola passa a ser o aparelho ideológico do Estado dominante. “Vale dizer que a escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção do tipo capitalista”(SAVIANI, 1983, p. 33). As escolas públicas são obrigadas a exercer uma autonomia nem sempre amadurecida entre seus membros. As práticas pedagógicas se intimidam diante das pirotecnias dos programas de TV, dos vídeos-games lançados no mercado. Nesta linha, Paulo Freire faz uma interessante referência à

consciência possessiva, presente no mundo do consumo como o que vemos veiculado insistente e exaustivamente pelas programações da TV e de outros meios de comunicação de massa.

Se o mundo é o mundo das consciências intersubjetivas, sua elaboração forçosamente há de ser elaboração. Se o mundo comum mediatiza a originária intersubjetivação das consciências: o auto-reconhecimento plenifica-se no reconhecimento do outro; (...) A intersubjetividade, em que as consciências se enfrentam, dialetizam-se, romovem-se, é a tessitura última do processo histórico de humanização (2005, p. 17)

Nesse sentido, cabe problematizar a concepção estritamente materialista, que predomina sobre os conteúdos presentes nos diversos programas preparados para a mídia em geral:

Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores, que se vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Este clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e dos homens. Fora da posse direta, concreta, material, do mundo e dos homens, os opressores não se podem entender a si mesmos. Não podem ser. Daí que tendam a transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando. Nesta ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem (Idem, p. 45-46).

Nas propostas educacionais capitalistas, pouca contestação crítica se observa nos projetos escolares do predomínio do ter sobre o ser, e se acentua a corrosão da identidade do professor apontando para uma desvalorização das questões de uma formação ética humanista e solidária diante dos atrativos do mundo do consumo e das vaidades. “Trata-se de rimar a escola com negócio. Mas não qualquer negócio. Tem de ser um bem-administrado. O raciocínio neoliberal é tecnicista” (SILVA, C. A. J.; BUENO, M. S.; GHIRALDELLI, Paulo J.; MARRACH, Sonia A. 1996, p. 54).

Por isso é fundamental o aparecimento de novas políticas como a da Pedagogia Crítica que “ressoa com a sensibilidade do símbolo hebraico tikkun, que significa curar, consertar e transformar o mundo. Para aqueles que ousam acreditar na educação, ela fornece a direção histórica, cultural, política e ética”. (MCLAREN, 1997, p.192). A escolarização crítica constitui o caráter eminentemente político e cultural e as escolas são concebidas enquanto lugar de disputa política cultural. As escolas reproduzem e legitimam as desigualdades sociais, de raça e gênero, mas também constituem espaços de contra-hegemonia. A Pedagogia Crítica enfatiza que a reprodução destas desigualdades também se dá através do currículo oculto, isto é, as “conseqüências não intencionais do processo de escolarização”. (MCLAREN, 1997, p. 216). Na sociedade atual é preciso reconhecer que a escolarização se apóia na viabilização de um determinado tipo de conhecimento legitimado pela cultura dominante, o que não apenas dificulta como desconsidera, desvaloriza as habilidades dos estudantes economicamente desfavorecidos.

Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação justamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca (FREIRE, 2005, p. 41)

Neste sentido, a escola tem o compromisso pela apresentação das teorias construídas historicamente pela humanidade. Cabe à ela oferecer essas teorias de modo a intercalar criticamente o conhecimento acumulado com os conhecimentos que se vão construindo dentro e fora do espaço escolar. Desse modo, a escola favorece a apropriação pelo sujeito dos saberes culturais assim como pelo desenvolvimento do pensamento conceitual de forma crítica. É objetivo da educação, formar alunos que ajam no mundo, transformando-o em uma realidade melhor, e contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e independência em suas ações. Trata-se, assim, de valorizar o capital cultural dos alunos, seus conhecimentos e experiências. Nesta pedagogia a história é uma possibilidade a ser construída. Isto exige o resgate da esperança utópica. Visto que, a educação reproduz, “em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana” (FREIRE, 2005, p. 13) equalizando-o socialmente.

A educação, enquanto fator de equalização social é instrumento de correção da marginalidade na sociedade imagética na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais. A educação é o instrumento de correção da marginalidade enquanto contribuir para a constituição da sociedade que respeite as diferenças e individualidades específicas.

É fundamental que o professor ter sempre em conta que seu papel de “ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica” (FREIRE, 1999, p. 141). Que o aparelho ideológico escolar constitui o instrumento mais eficaz de reprodução das relações de produção capitalista é verdade. Mas também ela deve buscar a inserção dos jovens no mundo do trabalho, da cultura, das relações sociais e políticas. Isto implica lidar com rapidez na produção e na circulação de novos conhecimentos e informações, que têm sido avassaladores e crescentes. No entanto, um ensino de qualidade busca formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la, e não apenas formá-los para que se integrem ao mercado de trabalho. A escola, “abre a oportunidade para que os alunos raciocinem e desenvolvam hábitos, competências valorativas e atitudes de sujeitos em relação ao outro, à política e à economia; ao sexo e à droga; à saúde e ao meio ambiente; à tecnologia etc.” (BRASIL, 1996, p. 33).

3 – O Professor e a Televisão

Sendo a TV divulgadora da Indústria Cultural ela é inquestionável e torna opressora e oprimida a sociedade atual. Tratando dos conteúdos enfatizados por elas, Freire, com o conceito de invasão cultural ajuda a refletir sobre os condicionamentos de uma mídia comprometida com os valores e os interesses hegemônicos: “Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freia a criatividade, ao inibirem sua expansão (2005, p. 152). Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade.

Por isto é que, na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidialógica, os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores. A invasão cultural tem uma dupla face. De um lado, é já dominação; de outro, é tática de dominação (IBIDEM).

A educação deve abrir-se para o mundo da TV. Conhecer-lo, analisá-lo e incorporá-lo no contexto pedagógico como sendo um direito e dever cidadão e permitir a leitura crítica, verificando os êxitos e os fracassos ou limites do mundo televisivo através de estudos e análise de programas em salas de aulas. A TV deve ganhar novas funções e interações pedagógicas. Pois pelo domínio da diversidade linguagem midiática e da forma como faz circular os seus conteúdos e informações é possível verificar mecanismos que permitem comparações entre os simulacros conceituais e a realidade. Urge criar novas formas de educar as novas gerações.

A própria tecnologia educacional é também uma experiência significativa que transforma professores e alunos de consumidores em produtores, desmistificando-as: do cartaz ao livro e ao jornal da escola; das experiências com o uso conjugado da Internet com o rádio; da rádio à TV da escola; da criação do site da escola na Internet e tantas outras tecnologias que podem ser incorporadas ao ambiente escolar e, mais precisamente, ao processo de ensino-aprendizagem (CITELLI, 2006, p. 20).

A educação e comunicação são termos que designam aquele campo teórico-prático de uma mesma realidade. São constituídas “pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação e no campo pedagógico pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios” (Ibidem). A mediação tecnológica e o uso reflexivo da linguagem midiática devem fazer parte do fazer pedagógico. Por isso, ações voltadas para o planejamento, execução e avaliação de planos, programas e projetos de intervenção social no espaço inter-relacional: comunicação – cultura - educação são urgentes a fim de que a mídia eduque e forme a sociedade. É preciso que a relação TV - escola seja colocada na agenda dos educadores.

Apostando na formação de professores a resistência e a luta contra a opressão pode ser realizada. Se for verdade que o papel do professor é permitir e promover o diálogo, a cooperação, a troca de informações entre os alunos, o confronto de idéias, a atribuição de responsabilidades para alcançar um objetivo comum, então é essencial levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos. Fazendo nossas as palavras de Paulo Freire é preciso ao respeito ao saber dos alunos. E o papel do professor é ativo na sociedade onde eles são “vistos conforme as mesmas categorias com que se focaliza o infeliz herói de uma tragicomédia do naturalismo; em respeito a eles poderíamos falar de um complexo de devaneios. Eles se encontram em permanente suspeição de estarem fora da realidade” (ADORNO, 2005, p.109). O grande desafio é a formação de professores envolvendo as relações escola e mídia. É estreitar de maneira crítica e produtiva os diálogos entre sala de aulas e dispositivos midiáticos. É necessário agir sobre diferentes linguagens da mídia. Por isso são urgentes os projetos de formação para professores.

Não existem receitas para tal. A formação cultural é justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforços espontâneos e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos, e de qualquer modo estes seriam do tipo cultura geral (ADORNO, 2005, p. 64).

Para Adorno “para haver formação cultural se requer amor; e o defeito certamente se refere à capacidade de amar” (Ibidem). Para evitar prejuízos maiores nas futuras gerações, “seria melhor que quem tem deficiência a este respeito, não se dedicasse a ensinar” (Ibidem). A falta do domínio linguístico televisivo é o catalisador principal na compreensão e comunicação dos conteúdos no fazer pedagógico.

A carência se revela do modo mais drástico na relação com a linguagem. Conforme o parágrafo nono do regulamento do exame é preciso atentar especialmente à forma da linguagem; havendo deficiências sérias de linguagem, o trabalho deverá ser considerado insatisfatório. [...] Somente muitos poucos apresentam algo na diferença entre a linguagem

como meio de comunicação e a linguagem como meio de expressão rigorosa do objeto; acreditam que basta saber falar para saber escrever, conquanto seja certo que quem não sabe escrever em geral também não consegue falar (p. 64-65).

Ao trazer a linguagem televisiva para a sala de aula não estamos a legitimar os males que podem estar por detrás dela. Mas para que o professor entenda quem e como lidar com o sujeito Televisão. Assumir uma postura dialógica na perspectiva libertadora, como princípio educativo. Acreditando, como afirma Paulo Freire que “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (1987, p. 78). Trata-se portanto de luta expressiva e importante na sociedade imagética para que o processo emancipatório e libertador do homem aconteça.

4 - Considerações finais

As crianças consideram os aparelhos de TV “máquinas que pensam e falam – como seres vivos com consciência e sentimentos, revolucionando os limites estabelecidos entre humanos e técnicas” (TURKLE, 1997, p. 59). Assim, “aos futuros professores não caberia tanto converter-se em algo que lhes é estranho e indiferente. Mas sim, seguir as necessidades que se impõem no seu trabalho, impedindo que desapareçam por pretensas imposições do estudo. (ADORNO, 2005, p. 73). O professor não se pode conformar com a constatação da gravidade da situação e a dificuldade de reagir frente a ela. Mas “refletir acerca dessa fatalidade e as suas consequências para o próprio trabalho”, (Ibidem) porque a função principal das tarefas de ensino e aprendizagem é poder identificar os limites de expansão do conhecimento por meio da interação. Cabe a tarefa de ensino-aprendizagem agir para transformar e aproximar o conhecimento que se refere às experiências cotidianas ao conhecimento científico. Portanto, a contribuição deste trabalho está na formação de professores da sociedade imagética e assumir a postura crítica aos conteúdos televisivos. Pois só assim sustentaremos da utopia de que é possível a educação humanizada, humanizadora e libertadora das crianças na sociedade imagética.

Referências

ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ARONSON, E. The Social Animal. New York: W.H. Freeman and Co., 1995.

BANDURA, A. Aggression: a social learning analysis. N. Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1973.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Versão -PCNs -10 e i ciclos / agosto de 1996.

CENTERWALL, B. S. Exposure to television as a cause of violence. Public Communication and Behavior (vol 2). San Diego: Academic Press, pp. 1-59, 1989.

COMSTOCK, G. & LINDSEY, G. Television and Human Behavior: The Research Horizon, Future and Present. Santa Monica, CA: Rand, June 1975.

CITELLI, Adilson Odair. Meios de comunicação e Educação: Desafios para a formação de docentes - Vol. 1, nº 3, SP, Julho- 2006, in: <http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev>, data de acesso, 22/10/2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 38ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 12ª edição, Coleção Leitura, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Jornal A Notícia, C-9, Anexo – 28 de setembro de 1998.

MCLAREN, Peter. A Vida nas Escolas: Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

PHILLIPS, D. P., HENSLEY, J. E. When violence is rewarded or punished: the impact of mass media stories on homicide. *Journal of Communication*. Philadelphia: Annenberg School Press, 34, p. 10, 1984.

RICO, S. A. Capitalismo y nihilismo: Dialectica del hambre y la mirada. Madrid, Akal, 2007. O Estado de S. Paulo, quinta feira, A-19, 28 de maio de 1988.

SERRANO, Pascual. Medios violentos: Palabras e imagenes para el odio y la guerra. Barcelona, El Viejo Topo, 2008.

TANNENBAUM, P. H. & ZILLMAN, D. Emotional arousal in the facilitation of aggression through communication. In: L. Berkowitz (ed.). *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 8, New York: Academic Press, 1975.

TRINDADE, Gestine Cássia (org.) et al. A educação no movimento dos atingidos por barragens: caderno pedagógico. São Paulo, Tramandaí, Ísis, 2005.

TURKLE, S. A vida no Ecrã. Lisboa, Relógio d'Água, 1997.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez, I Ed. Assoc, 1983.

SILVA, C. A.J; BUENO, M. S; GHIRALDELLI, Paulo J.; MARRACH Sonia A. Infância, Educação e Neoliberalismo. São Paulo, Cortez, 1996.

STACK, S. The effect of publicized mass murders and murder-suicides on lethal violence, 1968-1980: a research note. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*. 24(4), pp. 202-209, 1989.

Veja, Edição Especial. 13 de maio de 1998, número 1546.